

DICOTOMIA SOCIAL E CULTURAL

“A FORMAÇÃO DAS FAVELAS E A CRIMINALIZAÇÃO E RESISTÊNCIA DO SAMBA NO RIO DE JANEIRO”

Lili Anjos¹

RESUMO: A destruição dos cortiços e a formação das favelas no Rio de Janeiro ajuda a entender a necessidade de ocupação das cidades e nichos de resistência pelo centro. A ocupação dos espaços urbanísticos esbarra também na lei da vadiagem, quando sambistas eram presos por estarem com um simples pandeiro nas mãos, e a incorporação, por parte do governo Vargas, do ritmo como valor nacional fez a produção cultural popular ser vista com outros olhos pelo mercado.

PALAVRAS-CHAVE: lei da vadiagem; samba; favelas; Rio de Janeiro; resistência.

¹> Estudante do curso de História da Arte com interesse em religião e samba, buscando compreender como esses dois universos conversam entre si, além da influência de ambos na formação de comunidades e como símbolos históricos de resistência social e cultural do Brasil. Lili Anjos, História da Arte – UFRJ. E-mail: lilianjos4@gmail.com

A partir da abolição da escravatura e do início do desenvolvimento industrial no Brasil, no século XIX, houve uma reorganização da sociedade que visava a viabilização dos anseios do capitalismo então emergente. Além disso, essa reorganização intencionava dar continuidade à opressão dos povos que antes tinham sido escravizados - sobretudo negros sequestrados da África e escravizados no Brasil. Assim, com a recente abolição do regime escravista, essas pessoas começavam a fazer parte do quadro social enquanto seres humanos formalmente livres. Dessa forma, a população negra que havia se libertado da escravidão iniciou uma disputa pelo direito a um espaço na cidade. Diante disso, os ex-donos de escravos não queriam que os negros ficassem a dar a vista, ocupando um espaço no centro urbano que não fosse a posição subjugada imposta pela escravidão. Nesse momento, começou um novo período da resistência do povo negro, que não aceitava ser expurgado das cidades e reivindicava o direito a compor o quadro social.

Nesse contexto, os centros urbanos possuíam cortiços, locais de habitação coletiva onde morava boa parte da população carioca, considerando que a maior parcela dos cariocas era composta pela camada pobre da população. Os cortiços eram superlotados e insalubres, tendo como consequência um grande número de casos de febre amarela. Assim, na segunda metade do século XIX, inicia-se um processo de higienização social, e os cortiços são proibidos de serem construídos, enquanto os existentes até então são destruídos. Esse episódio é marcante na história da cidade, visto que a população que residia nos cortiços - ou seja, a camada pobre da hierarquia social urbana - foi expulsa dos centros da cidade ao longo dos anos e foi coagida a morar em locais ao redor das áreas centrais, dando início à ocupação das periferias e dos morros cariocas.

[...] prevalecerão a busca de proximidade com o mercado de subsistência e a redução de tempo de deslocamento, em detrimento da densidade e insalubridade nos ex-quilombos, cortiços e favelas.
(LESSA, 2005).

A tese mais discutida e aceita pela historiografia tradicional é a de que a formação das favelas deu-se com a chegada de soldados da Guerra de Canudos, os quais a cidade não conseguiu comportar, tornando necessário que encontrassem algum local onde pudessem residir. Assim, acontece o processo de surgimento das favelas, tendo como a primeira favela consolidada o Morro da Favela (atualmente Morro da Providência) e posteriormente ocupando o Morro de São Bento, ambos no centro da cidade.

No entanto, é preciso questionar esse episódio, visto que a política de demolição dos cortiços aconteceu por volta de 1866 - data próxima ao surgimento das favelas - e o maior cortiço do Rio de Janeiro, o então denominado "Cabeça de Porco", situava-se próximo ao morro da Providência. Além disso, a chegada dos soldados da Guerra dos Canudos ocorreu por volta de 1895/97. Assim, torna-se necessário refletir se a narrativa que explica o surgimento das favelas a partir do retorno dos soldados é verídica ou foi a maneira encontrada pela burguesia emergente de esconder um processo de segregação sócio espacial da população pobre.

Assim, além dos aspectos históricos e geográficos, é preciso ressaltar que o fator econômico também foi determinante para a formação das favelas, tendo em vista que os pobres precisavam ficar perto dos locais onde possuíam ofertas de trabalho. Como dito pelo compositor Casquinha, na música "O Invocado": "O crioulo no morro está invocado / O crioulo no morro está no miserê / Desce o morro, não encontra trabalho / Nem encontra o feijão pra comer". Esse trecho evidencia a relação entre a procura por oportunidades de emprego e a ocupação dos morros e periferias por parte da população pobre.

Dessa forma, esses fatores intervieram diretamente na vida das pessoas e no funcionamento da cidade, como retratado no filme "Cidade de Deus", dirigido por Fernando Meirelles e Kátia Lund e lançado em 2002. O filme narra como ocorreu o surgimento da cidade do Rio, além da formação do tráfico de drogas nas favelas, e a relação desse processo de criminalização da pobreza com o descaso e o abandono por parte do Estado. A influência dessa negligência por parte do Estado nas trajetórias de vida da população é evidenciada pelo fato das personagens do filme trilharem caminhos trágicos, à exceção do protagonista Buscapé.

Desde as primeiras cenas, é possível observar a denúncia de que houve uma higienização da cidade, criando comunidades periféricas onde as circunstâncias impõem uma forma de resistir à pobreza e à falta de oportunidade. Além disso, a maioria das personagens são negras e nordestinas, explicitando o racismo contido nas violências por parte do Estado, que coagiu a população pobre à segregação sócio espacial. Diante disso, o Estado tenta esconder aquilo que ele mesmo produziu. Junto com a política de higienização e com a formação das favelas, surgiu uma política de extermínio do povo negro, fruto de uma história violenta e racista. Essa política visava a encontrar novas formas de opressão que dessem continuidade à desumanização de pobres e negros para aumentar sua opressão e justificar o uso da violência contra essa população.

Por isso, lembrar esse filme é uma forma de elucidar como as políticas públicas historicamente funcionaram para manter o privilégio de poucos em detrimento da maioria do povo.

No começo desse projeto de eugenia no Brasil, a ciência foi utilizada para justificar essa opressão, afirmando por exemplo que a capacidade intelectual da população branca era biologicamente maior que a da população negra. Na tentativa desse resultado biogenético construir uma nova sociedade, a sociedade do futuro (branca e de descendência europeia) seria responsável pelo desenvolvimento do país.

A antropóloga social Lilia Schwarcz diz que a eugenia oficialmente veio ao país em 1914, na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, com uma tese orientada por Miguel Couto, que publicou diversos livros sobre educação e saúde pública no país. Couto via com maus olhos a imigração japonesa e, anos mais tarde, em 1934, seria um dos responsáveis por implementar um artigo na Constituição da época que controlava a entrada de imigrantes no Brasil.

Para fortalecer essa ideia, diversos profissionais da área médica foram trazidos ao Brasil vindos de diversos locais da Europa visando provar que a eugenia seria o melhor para o país. Essa ideia foi apoiada por grande parte da elite brasileira, que procurava uma justificativa para a demolição dos cortiços.

Atualmente, anos depois desse processo, vale lembrar que o preconceito no Brasil se apresenta de formas diferentes, mas traz características desse passado. Torna-se necessário evidenciar que o racismo ainda é profundamente presente na sociedade brasileira, pois muitos consideram que o Brasil, por ter uma população miscigenada, não é um país racista. Para tal, é preciso conhecer a história do Brasil e entender a trajetória de violência que consolidou o atual quadro social.

Em 1933, Gilberto Freyre publicou o livro “Casa-Grande & Senzala”, no qual é colocada a discussão sobre o embranquecimento cultural ocorrido no Brasil a partir da perseguição institucionalizada da vadiagem. Essa perseguição foi responsável pela prisão de sambistas, mães e pais de santo e pelos confiscos de instrumentos religiosos de terreiro. De acordo com o compositor Monarco, os sambistas sofriam discriminação e eram frequentemente criminalizados.

Porém, esse processo acontece no mesmo ano em que a escola de samba Mangueira é campeã do carnaval carioca. Tal dicotomia ocorre pela movimentação das elites para a incorporação do samba por meio das gravadoras de LP, possuindo caráter de embranquecimento do ritmo. Essa movimentação intenciona fazer com que o samba sofra um esvaziamento proposital de identidade negra e se transforme em mercadoria. Essa cooptação cultural aproximou os interesses políticos por volta dos anos 40, quando Vargas era presidente, pois ele facilitou a reprodução e expansão do samba, mas limitando aos moldes carnavalescos e de enredo.

Essa incorporação do samba aos ambientes sociais e a tentativa de fazê-lo passivo pode ser vista em uma cena da série da Netflix, “Coisa mais linda”, na qual a personagem de classe média sobe o morro para conhecer o gênero e o ambiente do samba (de terreiro) e se encanta pelo cantor de bossa nova. Esse evento mostra uma dicotomia social bem delineada e evidencia o caráter de classe que rodeia os gêneros musicais, principalmente o samba.

O samba de roda, que carrega movimentos de roda de capoeira, surge assim como um espaço em que se visa a transmitir a ancestralidade. É possível afirmar isso por conta de como a roda é formada e articulada, em que as palmas da mão, que antes serviam para dar ritmo aos cantos que falavam sobre raízes africanas, orixás e resistência, hoje marcam a cadência do samba.

Um desses locais no Rio de Janeiro é onde se situa hoje a Pedra do Sal, que antes era conhecido como pequena África, por ter sido um local de embarque e desembarque de sal; era onde os negros escravizados se reuniam para tocar seus tambores, prestar seus cultos e compartilhar alegria.

Um famoso compositor e neto de escravos, João da Baiana, escreveu na Pedra do Sal muitos versos que continham críticas sociais contra o racismo e a desigualdade social. Um bom exemplo é uma das suas músicas mais populares “Batuque da cozinha”.

Além disso, em meio à mercantilização das escolas de samba e o surgimento das rodas de samba, o compositor Candeia surge não apenas como um dos defensores da cultura negra, mas também como um combatente da resistência do samba. Em 1975, ele é o principal responsável pela fundação do Grêmio Recreativo Arte Negra Escola de Samba Quilombo, que, em pouco tempo, recebeu apoio de compositores como Nei Lopes. Além disso, pouco antes da sua morte, escreveu o livro “Escola de Samba – A árvore que esqueceu a raiz.”

Não sou radical. Pretendo, apenas, salvaguardar o que resta de uma cultura. Gritarei bem alto explicando um sistema que cala vozes importantes e permite que outras totalmente alheias falem quando bem entendem. Sou franco atirador. Não almejo glórias. Faço questão de não virar academia. Tampouco palácio. Não atribua a meu nome o desgastado sufixo -ão. Nada de forjadas e mal feitas especulações literárias. Deixo os complexos temas à observação dos verdadeiros intelectuais. Eu sou povo.

(CANDEIA, 1975).

Assim, ao longo da história, o samba se tornou produto de exportação e de apaziguamento social, não tendo sido socialmente aceito como um todo de cultura e resistência. Esse processo influencia diretamente o que atualmente o carnaval virou, - as escolas de samba se tornam cada vez mais sujeitas aos desejos dos patrocinadores. Um exemplo disso foi o desfile de 2011 da Vila Isabel, que falava sobre a história do cabelo e que foi patrocinado pela L'Oréal.

No entanto, muitas escolas de samba ainda reivindicam o caráter de resistência e ancestralidade do samba. A tradicional ala das baianas, o envolvimento da comunidade e a relação com a religiosidade de matriz africana são exemplos de características que muitas escolas ainda carregam. O samba enredo da escola de samba do Salgueiro, em 2019, intitulado “Xangô”, por exemplo, contava um pouco sobre o Orixá e a relação do mesmo com a escola.

[...]
 vai trovejar!
 Abram caminhos pro grande Obá
 É força, é poder, o Aláàfin de Oyó
 Oba Ko so!
 Ao rei maior
 É pedra quando a justiça pesa
 O Alujá carrega a fúria do tambor
 No vento, a sedução Oyá
 O verdadeiro amor Oraiêiêô
 E no sacrifício de Obà (Obà Xi Obà)
 Lá vem Salgueiro!
 Mora na pedreira, é a lei da Terra
 Vem de Aruanda pra vencer a guerra
 Eis o justiceiro da Nação Nagô
 Samba corre gira, gira pra Xangô

(DEMA CHAGAS, FRANCISCO AQUINHO, FRED CAMACHO,
 GETÚLIO COELHO, LEONNARDO GALLO, MARCELO MOTTA,
 RENATO GALANTE E VANDERLEI SENA, 2019)

Além disso, Vagner Gonçalves da Silva explica em “Exu do Brasil: Tropos de uma Identidade Afro-Brasileira nos Trópico” a relação social que Exu possui na sociedade e qual sua função, sendo Exu aquele que abre os caminhos e ajuda na mediação com o orixá. Assim, partindo dessa perspectiva, muitas escolas de samba incorporam danças que fazem referência a essa entidade ou uma forma de oferenda, pedindo que se abram os caminhos e que tudo corra bem. Essa relação de vangloriação dos Orixás fica nítida na comissão de frente do Salgueiro de 2019, que era composta por um grupo de mulheres reverenciando lansã como forma de pedir para que os caminhos fossem abertos.

Assim, em meio ao processo que tornou o samba um produto mercadológico, muitas rodas e escolas de samba procuram resguardar a história do samba e do território do Rio de Janeiro enquanto símbolos de resistência.

Esta Kizomba é nossa constituição
 Que magia
 Reza ageum e Orixá
 Tem a força da cultura
 Tem a arte e a bravura
 E um bom jogo de cintura
 Faz valer seus ideais
 E a beleza pura dos seus rituais
 Vem a Lua de Luanda
 Para iluminar a rua
 Nossa sede é nossa sede
 De que o Apartheid se destrua

(LUIS CARLOS DA VILA, 2000)



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREYE, Gilberto. Casa Grande e Senzala: Formação da Família Brasileira sob o Regime da Economia Patriarcal. São Paulo: Global, 2006. pp. 64-155.

SILVA, Vagner Gonçalves da. Exu do Brasil: Tropos de uma Identidade Afro-Brasileira nos Trópicos. In: Revista de Antropologia. Vol. 55. No. 2. 2012. pp. 1085-1114. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ra/article/view/59309/62347>

RODRIGUES, Jaime. Festa na Chegada: O Tráfico e o Mercado de Escravos do Rio de Janeiro. In: SCHWARCZ, Lília Moritz.

REIS, Leticia Vidor de Sousa (orgs.). Negras Imagens: Ensaio sobre Cultura e Escravidão no Brasil. São Paulo: EDUSP/Estação Ciência, 1996. pp. 93-115.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. Raízes do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

Freitas, Kênia. A ancestralidade futurista de Pantera Negra.

FILHO, Antônio Candeia. Manifesto Quilombo. Rio de Janeiro, 1975

BUSCÁCIO, Gabriela Cordeiro. A chama que não se apagou: Candeia e a Gran Quilombo - movimentos negros e escolas de samba nos anos 70. Niterói - Rio de Janeiro, 2005.

CABRAL, Sérgio. As escolas de samba no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Lumiar, 1996.

PENA DE ALMEIDA, Raphael. Historiador em formação pelo Instituto de Filosofia e Ciências Sociais – IFCS, UFRJ e pesquisador sobre a história do samba no Rio de Janeiro.

LINS, Paula. Filme Cidade de Deus. Rio de Janeiro, 2002.